

Palavra Libertadora

Philip Jenkins

O poder da Bíblia no Sul global

CERTA VEZ, DOIS BISPOS, um da África e outro dos Estados Unidos, estavam participando de um estudo bíblico. Com o passar das horas, os ânimos se alteraram porque o africano expressava a sua confiança na clareza das Escrituras, enquanto o americano ressaltava a necessidade de interpretar a Bíblia à luz da academia moderna e dos costumes contemporâneos. Finalmente, o bispo africano perguntou exasperado: “Se você não acredita nas Escrituras, porque as trouxe para nós?”

Há cinquenta anos, os americanos provavelmente não teriam se preocupado com o conservadorismo dos cristãos do sul, acreditando que fosse o resultado de uma falta de sofisticação teológica. Também considerariam seus pontos de vista como periféricos às preocupações da área central cristã, localizada na América do Norte e Europa Ocidental. Dito de forma direta, por que o “mundo cristão” se preocuparia com a opinião dos africanos? No entanto, hoje, conforme o centro de gravidade do mundo cristão se move cada vez mais para o sul, as tradições conservadoras se tornam ainda mais importantes. Adaptando uma frase do missiólogo Lamin Sanneh: De quem é a leitura – de quem é o cristianismo – considerado normal agora? E de quem será em 50 anos?

É claro que a doutrina cristã e a interpretação da Bíblia que são dominantes nunca foram decididas pela maioria. Os números não são o mais importante. Mas a maioria com certeza tem peso.



Philip Jenkins (1952 –) é Professor Renomado de História e Estudos da Religião da Universidade Estadual de Pennsylvania, EUA. Entre seus muitos livros, *A Próxima Cristandade* é o mais conhecido e traduzido. Este artigo foi publicado originalmente em The Christian Century (11 jul 2006).



Imaginemos um futuro próximo (provável) no qual a maioria dos cristãos está concentrada no Sul global; onde o clero e os estudiosos das igrejas mais numerosas do mundo aceitam as interpretações mais conservadoras da Bíblia – mais conservadoras que as interpretações que normalmente prevalecem nas principais denominações americanas. Em um mundo assim, as tradições do Sul global de leitura da Bíblia devem ser vistas como a norma cristã. As interpretações específicas das culturas norte-americana e europeia já não serão mais consideradas uma "teologia verdadeira", e o restante do mundo produzirá suas próprias variantes – "teologia africana", "teologia asiática", e assim por diante. Saberemos que essa transição está em andamento quando as editoras começarem a publicar estudos sobre "teologias norte-americanas".

A mudança do cristianismo para o Sul global pode sugerir uma mudança decisiva em direção a leituras mais literais e fundamentalistas da Bíblia. Os temas tradicionalistas são importantes para os cristãos africanos e asiáticos. Esses temas incluem: maior respeito pela autoridade das Escrituras, especialmente em relação à moralidade; aceitação da Bíblia como um texto inspirado e a tendência a leituras literalistas; interesse especial em elementos sobrenaturais das Escrituras, tais como, milagres, visões e curas; crença no poder contínuo da profecia; e veneração pelo Velho Testamento, que geralmente é considerado tão válido quanto o Novo. O tradicionalismo bíblico e o literalismo são ainda mais marcantes nas igrejas independentes e nas denominações enraizadas na tradição pentecostal; correntes similares também são encontradas entre os católicos romanos.

Diversos fatores contribuem para uma interpretação mais literal das Escrituras no Sul global. Por um lado, a Bíblia encontrou um lar onde é compreendida entre as comunidades que se identificam com as realidades sociais e econômicas retratadas nela. De acordo com a teóloga feminista queniana Musimbi Kanyoro, "As culturas que se distanciam da cultura bíblica correm o risco de ler a Bíblia como se fosse ficção". Por outro lado, as sociedades que se identificam com o mundo retratado na Bíblia se sentem em casa com o texto.

Os cristãos do Sul global

Atualmente, o cristão, em média, tem poucos recursos – considerados muito escassos conforme os padrões dos mundos da América do Norte e da Europa Ocidental. O status social e político dos cristãos africanos e asiáticos, que, em geral, são minorias em países dominados por outras religiões ou ideologias seculares, também são diferentes. Essa diferença social histórica afeta as atitudes em relação à Bíblia. Para muitos americanos e europeus, as sociedades retratadas na Bíblia – tanto no Velho quanto no Novo Testamento – são distantes não apenas em termos de tempo e espaço, mas quanto às suposições do dia a dia, que são quase incompreensíveis. No entanto, essas mesmas questões que tornam a Bíblia um relato histórico distante para muitos americanos e europeus, a tornam um texto vivo nas igrejas do Sul global.

Para tais leitores, a Bíblia faz sentido porque o mundo descrito nela é marcado por problemas extremamente familiares, como a fome, doenças, pobreza, exilo, clientelismo e corrupção. Como a maioria de seus leitores é carente, ela se identifica facilmente com a sociedade do Novo Testamento formada por camponeses e artesãos dominados por donos de terra poderosos e forças imperiais em sistemas de dívidas e crédito. Nesse contexto, a pobreza extrema de Lázaro que come as migalhas que caem da mesa do homem rico não é apenas uma curiosidade arqueológica.

Esse senso de reconhecimento é bastante forte entre as pessoas que moram atualmente em pequenos povoados e vilarejos, mas também se estende às populações urbanas, que tem fortes laços com as suas raízes rurais. Essa identificação inclui tanto o Velho quanto o Novo Testamento. Madipoane Masenya, uma perspicaz pensadora feminista, comenta: "Se os africanos de hoje acharem difícil se sentir em casa com o Velho Testamento, talvez precisem verificar se não perderam a sua africanidade de uma ou de outra maneira". Um comentário parecido poderia ser feito a respeito dos europeus ou norte-americanos contemporâneos?

Para as igrejas em fase de crescimento no Sul, a Bíblia trata de questões do dia a dia, relacionadas à pobreza, dívidas, fome, crise urbana, opressão racial e de gênero, brutalidade do estado e perseguição.

Embora algumas das semelhanças entre o mundo bíblico e o mundo dos cristãos africanos sejam superficiais, seu peso acumulado acrescenta muito à credibilidade do texto. A Bíblia fornece respostas imediatas e frequentemente práticas aos problemas da vida. Ensina maneiras de lidar com um ambiente hostil e sobreviver a ele, e traz, ao mesmo tempo, esperança de prosperidade. Para as igrejas em fase de crescimento no Sul, a Bíblia trata de questões do dia a dia, relacionadas à pobreza, dívidas, fome, crise urbana, opressão racial e de gênero, brutalidade do estado e perseguição. A onipresença da pobreza mostra como a vida é passageira, como os indivíduos e as nações dependem de Deus, e como a ordem secular não é confiável.

Consequentemente, a Bíblia "sulista" traz uma novidade e autenticidade que aumentam sua credibilidade como uma fonte e guia de autoridade. Nesse contexto, é difícil usar o conhecido argumento euro-americano de que a Bíblia foi claramente escrita para uma sociedade distante com a qual as pessoas de hoje mal se identificam e que, por isso, suas leis morais não podem se aplicar ao mundo contemporâneo. As culturas que prontamente se identificam com os pontos de vista bíblicos acham mais fácil ler a Bíblia (inclusive as leis de Levítico) não como um fato histórico, mas como uma instrução relevante para a conduta diária. Esse fato nos ajuda a entender porque os cristãos africanos moderados ficam horrorizados quando as igrejas euro-americanas descartam as proibições ao homossexualismo que aparecem no Velho Testamento porque as consideram ultrapassadas.

Bíblia e mudança social

Antes que os liberais do Norte se desesperem quanto ao futuro, algumas considerações devem ser feitas. Escrevi aqui sobre o conservadorismo religioso, relacionado às Escrituras, mas essa terminologia não precisa

carregar suas implicações políticas costumeiras. Apesar de a maioria das igrejas africanas e asiáticas crerem nas origens e na autoridade da Bíblia, isso não impede uma aplicação criativa e até mesmo radical dos textos bíblicos aos debates e dilemas contemporâneos. Essas aplicações causam dificuldades reais a qualquer tentativa de aplicar os seguintes conceitos do Norte: *liberal* e *conservador*, *progressivo* e *reacionário*, *fundamentalista* e *literalista*.

De acordo com as suposições populares, as abordagens liberais em relação à Bíblia enfatizam as mensagens de ação social e desvalorizam a intervenção sobrenatural, enquanto as conservadoras e tradicionalistas aceitam milagres e advogam políticas quietistas ou reacionárias. Os dois pontos de vista, portanto, enfatizam âmbitos diferentes, humanos ou sobrenaturais.

Até mesmo nos Estados Unidos essa distinção não é bem definida. Há vários evangélicos esquerdistas que são altamente comprometidos com a justiça social e ambiental. Nas igrejas do Sul global, essa divisão faz menos sentido ainda. Por exemplo, a libertação, no sentido carismático de libertação de demônios, pode ser facilmente ligada à libertação política ou social, e as duas palavras são claramente cognatos próximos em algumas línguas. O entusiasmo bíblico normalmente visto no Sul global é, em geral, adotado precisamente pelos grupos retratados como as vítimas da religião reacionária, particularmente as mulheres.

No fascinante livro, *Transfigured Night* (Noite Transfigurada), um estudo sobre o movimento da vigília noturna, a *pungwe*, de Zimbábue, Titus Presler relata: "A renovação carismática, os conflitos com demônios e a libertação das mulheres são outros frutos relacionados diretamente à missão da igreja em Zimbábue". Com que frequência os cristãos americanos colocam a emancipação social da mulher no mesmo contexto que o da guerra espiritual e do exorcismo? Mas, nas igrejas africanas, tudo é considerado uma forma de manifestação de "soltura", libertação, livramento.

Em uma dessas vigílias, uma pregadora tirou lições extraordinárias de um texto aparentemente pouco promissor: a história de Jesus ordenando aos seus discípulos que desamarrassem um jumento para a sua entrada em Jerusalém. Ela aplicou a passagem diretamente à experiência da mulher africana:

> *Percebi que nós somos o jumento sobre o qual o Senhor falou. Vamos agradecer por esse tempo que nos foi dado, tempo no qual fomos abençoadas. Éramos objetos... não éramos consideradas seres humanos... algumas de nós éramos até vendidas. Para sermos dadas em casamento – para sermos vendidas! Mas com a vinda de Jesus, fomos libertadas... fomos justificadas por Ele, somos mães.*

As mulheres têm um papel central nas igrejas do Sul, sendo oficialmente ordenadas ou não. Elas geralmente estão entre os convertidos mais proeminentes e são a força crucial para a conversão de suas famílias ou pessoas próximas. As organizações e reuniões das mulheres, como a União das Mães, representam estruturas fundamentais para a participação de leigos dentro das igrejas e permitem que as vozes das

mulheres sejam ouvidas na sociedade como um todo. O mesmo acontece com as reuniões de oração e as células que podem se tornar tão independentes que chegam a incomodar a hierarquia das igrejas. As mulheres cristãs buscam as igrejas para reafirmar seus papéis e interesses, e naturalmente procuram a justificação nas Escrituras, que são a base para o debate público.

Alguns textos – como a história do jumento – precisam ser retorcidos para transmitir o significado desejado, mas por causa do forte interesse no livramento, qualquer passagem que possa ser relacionada à libertação é boa demais para ser ignorada. No entanto, as interpretações de libertação são mais facilmente encontradas em outras passagens. Nesse processo, as leituras literalistas, que podem parecer conservadoras por causa da abordagem em relação à autoridade das Escrituras, têm consequências práticas, socialmente progressivas, se não, revolucionárias. Ler a Bíblia ensina a valorizar o indivíduo e os direitos humanos, encoraja a obrigação mútua no casamento, promovendo a "reforma cristã do machismo", descrita pela acadêmica Elizabeth Brusco. Pedir que as mulheres leiam a Bíblia em busca de piedade doméstica é como proibir uma população irrequieta de carregar armas e, ao mesmo tempo, dar a ela acesso irrestrito à gasolina e fósforos.

As leituras literalistas têm consequências práticas, socialmente progressivas, se não, revolucionárias.

Pense nas implicações da leitura da Bíblia pelas viúvas. Elas são excluídas e desprezadas em várias comunidades tradicionais e estão presas aos clãs do marido até mesmo depois que ele tiver falecido. A noção do Novo Testamento de "até que a morte nos separe" é extremamente relevante, do mesmo modo que a afirmação de Paulo em Romanos 7:2: "se o marido morrer, ela estará livre da lei do casamento". No ocidente, esse versículo não é muito conhecido e com certeza não é uma referência que os evangelistas entusiásticos escrevem em cartazes. Mas, no contexto global, esse versículo pode ser uma verdadeira garantia revolucionária de mudança.

O ato de ler também tem muito peso. Em uma comunidade recém alfabetizada, o acesso à Bíblia indica poder e status, e não há porque esse bem se restringir apenas às elites tradicionais. As mulheres – e jovens de ambos os sexos – ganham mais ao se tornarem alfabetizados. Quanto mais conspícuo for o conhecimento de alguém das Escrituras, maior será a sua reivindicação de status espiritual.

A Bíblia inteira, e não apenas um de seus textos, oferece uma ampla munição para defender a causa dos forasteiros, contrariando as pessoas que já estão estabelecidas e confortáveis com a situação. Na Bíblia, as pessoas leem a respeito dos excluídos que se tornaram centrais para a história, de indivíduos menosprezados e oprimidos que se tornaram meios de comunicação divina – e de como Deus rejeita as sociedades tradicionais, hierarquias e regras religiosas. Como David Martin escreveu notoriamente a respeito das igrejas do Sul global, o pentecostalismo dá o direito e o dever de falar às pessoas que antes eram consideradas desmerecedoras por causa da sua classe, raça e gênero. Na nova dispensação, os forasteiros recebem línguas de fogo. A mesma observação pode ser aplicada em relação às barreiras denominacionais.

Apenas quando enxergarmos o cristianismo do Sul global pelo que realmente é – em vez de nos perguntarmos como ele pode contribuir para os nossos próprios debates – é que poderemos ver como as igrejas emergentes estão formulando as suas próprias respostas às questões sociais e religiosas, e como essas questões frequentemente são vistas através das lentes bíblicas. Em geral, essas respostas não se encaixam bem nos nossos pacotes ideológicos convencionais.

Os efeitos socialmente libertadores da religião evangélica não são surpresa quando se traça a enorme influência da religião, baseada na Bíblia, ao longo da história afro-americana. A política afro-americana ainda é bastante influenciada pela religião e normalmente liderada pelo clero que, em geral, é de inclinação carismática e evangélica; a política retórica africana não pode ser compreendida exceto no contexto do pensamento e imagem bíblicos. Os líderes religiosos afro-americanos frequentemente são esquerdistas quando se trata de economia, como vários evangélicos na América Latina e denominações independentes e protestantes através da África. Todos encontram garantias nas Escrituras para os pontos de vista progressivos, geralmente em textos proféticos e apocalípticos.

Vistos em escala global, os estilos religiosos afro-americanos, há muito tempo considerados periféricos ao cristianismo central americano, parecem ter se tornado padrão. Já o louvor nas principais denominações americanas, bem como as abordagens costumeiras à autoridade da Bíblia, tem se tornado cada vez mais a exceção. Diante dessa inversão, somos lembrados de uma passagem familiar: a pedra que foi rejeitada tornou-se a pedra angular.

Exemplos de leituras libertadoras

Para um cristão norte-americano, tentar entender como a Bíblia pode ser lida e interpretada ao redor do mundo pode ser uma experiência surpreendente e humilhante. Para isso acontecer, precisa pensar de forma comunitária ao invés de individualista. Também precisa abandonar as distinções familiares entre as dimensões seculares e sobrenaturais. E, muitas vezes, precisa ajustar as suas atitudes quanto ao relacionamento entre o Velho e o Novo Testamento.

Qualquer texto da Bíblia pode ter uma interpretação surpreendente. Veja Rute, por exemplo. Imagine o que esse livro tem a dizer para uma sociedade faminta, ameaçada pela guerra e desigualdade social. Entenda a libertação exultante que aguarda o leitor em uma sociedade sobrecarregada por ideias de maldições ancestrais ou contaminação hereditária; pense no leitor que descobre os textos libertadores sobre a responsabilidade individual em Ezequiel 18. Ou, então, leia o Salmo 23 como um tratado político, uma rejeição da autoridade secular injusta. Para os africanos e asiáticos, o Salmo refuta as afirmações dos estados injustos que declaram cuidar bem dos seus cidadãos, enquanto eles se exaltam até aos céus. Os cristãos simplesmente respondem: “O Senhor é o meu pastor – você não!” O poder do Salmo condena os males políticos

e espirituais, a força da tirania e do diabo. Além do seu papel político, o Salmo 23 é bastante usado em cultos de cura, exorcismo e livramento.

Imagine uma sociedade aterrorizada por um regime ditatorial que continuamente reprime a igreja, e, então, leia Apocalipse – e entenda a mensagem central de que apesar do mal que acontece no mundo, Deus triunfará. Ou leia Apocalipse com o ponto de vista dos cristãos do meio rural, em uma sociedade que está se modernizando rapidamente, que tentam compreender a brutalidade incipiente das grandes metrópoles. Leia Hebreus e pense a respeito das doutrinas de sacerdócio e penitência, e em como poderiam ser entendidas em um país com uma tradição viva de sacrifício de animais. Com base nisso, um teólogo ganense descreveu Hebreus como sendo a epístola deles, *a epístola da África*. Aplique as várias passagens da Bíblia sobre o sofrimento das crianças aos horrores vivenciados pelos jovens no Congo, Uganda, Brasil ou outros países que logo estarão entre os principais países cristãos do mundo.

Ao ser lida assim, a carta de Tiago é particularmente esclarecedora. Essa carta é um dos textos mais populares usados para sermões na África. Imagine ler essa carta em um mundo no qual a vida é curta e perigosa demais, que até parece uma névoa passageira. Que implicações essa transitoriedade traz para o comportamento diário? A carta é um manual para uma sociedade na qual o cristianismo é recente e as pessoas estão buscando regras práticas para a vida cristã. As referências às viúvas não parecem como a história de um sistema de bem-estar social antigo, mas são uma resposta radical para os problemas atuais que afetam milhões de mulheres.

Um teste especialmente difícil para os cristãos do Norte é tentar ler duas passagens relativamente próximas do capítulo 5 de Tiago – uma condenando os ricos e a outra prescrevendo a unção e oração como cura. Ambos os textos, considerados “radicais” e “carismáticos”, são porções integrais de uma mensagem liberadora comum.

Pense nas várias formas de cativeiro – econômica, social, ambiental, espiritual – que prendem um habitante com poucos recursos em uma nação do Terceiro Mundo e aprecie a promessa de libertação apresentada no sermão inaugural de Jesus na sinagoga de Nazaré. Entenda o apelo dessa mensagem em uma sociedade na qual, citando um estudo jornalístico sobre a pobreza em Lagos, “a frustração de estar vivo... é excruciante”.

Ao ler praticamente qualquer parte dos Evangelhos, pense em como as ações de Jesus podem soar para uma comunidade na qual as castas e a pureza ritual são importantes, e na qual violar essas leis pode custar a vida, como na Índia. Leia os relatos de Jesus interagindo calorosamente com os rejeitados de sua época. Em várias sociedades ao redor do mundo, a história da mulher samaritana no poço pode ser inconcebível. Ele falou com ela? E conversaram?

Ou, então, use o oitavo capítulo de Lucas como um modelo para a cura cristã e uma reafirmação do poder do bem sobre o mal. Ou leia o versículo João 10:10, no qual Jesus promete vida em abundância,

e pense a respeito de suas implicações desconcertantes em uma sociedade extremamente necessitada, sem nenhuma perspectiva de abundância ou, na verdade, sem nenhuma garantia de vida. Talvez esse versículo seja o texto mais citado no cristianismo africano, o "versículo da vida" de um continente inteiro.

Agora reconheça que esses tipos de leitura, adaptados às circunstâncias locais, são característicos de milhões de cristãos ao redor do mundo. De fato, em termos de números brutos, essas leituras representam a forma padrão de os cristãos lerem a Bíblia no início do século 21.

Conclusão

Depois que escrevi *The Next Christendom* (A próxima Cristandade) em 2002, tive um encontro bizarro com uma senhora idosa e Episcopal aristocrata. Ela me elogiou por ter delineado de forma tão efetiva o crescimento dos novos tipos de cristianismo no Sul global, com toda a sua paixão e entusiasmo, sua qualidade primitiva ou apostólica, sua abertura ao sobrenatural. Então, ela pediu a minha opinião: "Como americanos, como cristãos, como episcopalianos, o que podemos fazer para impedir isso?"

Eu entendo o receio dela e sei por que alguns cristãos do Norte se preocupariam com os padrões emergentes do cristianismo do Sul global, com sua qualidade carismática e tradicional. Mas o prognóstico não é tão ruim quanto ela imaginava. Como foi no passado, o cristianismo precisa ser visto como uma força de mudança radical e, em vez de obscurantismo, deve abalar as hierarquias ao em vez de preservá-las. Pensando bem, talvez ela estivesse certa em se alarmar.